

Arquitetura popular brasileira
Günter Weimer



Copyright © 2005, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 2005

2ª edição 2012

Acompanhamento editorial

Helena Guimarães Bittencourt

Preparação do original

Renato da Rocha Carlos

Revisões gráficas

Maria Fernanda Alvares

Sandra Garcia Cortes

Dinarte Zorzanelli da Silva

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Moacir Katsumi Matsusaki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weimer, Günter

Arquitetura popular brasileira / Günter Weimer. – 2ª ed. –
São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Raízes)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7827-504-4

1. Arquitetura habitacional – Brasil 2. Cultura popular –
Brasil 3. Etnologia – Brasil 4. Habitações – Brasil – Aspectos
sociais I. Título. II. Série.

11-13329

CDD-728.10981

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura popular brasileira 728.10981
2. Brasil : Arquitetura popular 728.10981

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

CAPÍTULO IV | As contribuições negras

Em uma palavra, se a terra amassada é ecologicamente limpa, é porque o tempo pode destruí-la completamente e pode-se tornar a usá-la tantas vezes como se deseja. Não deixar resíduos nem rastros indelévels talvez será uma nova ambição da arquitetura.

PATRICK BARDOU

Certamente, o capítulo mais difícil da história da arquitetura popular brasileira é o da contribuição das civilizações africanas, por serem as menos conhecidas e as mais mal estudadas – apesar de mais da metade de nossos concidadãos terem sangue negro em suas veias e, portanto, serem tributários diretos dessas civilizações. Qualquer estudo sobre as populações na África também esbarra nas enormes dificuldades por vários fatores. Em primeiro lugar, pela antiguidade dessas populações – foi na África que surgiu a espécie humana –, depois, pela impressionante diversidade étnica de suas populações, o que é potencializado por meio de sua diversidade cultural¹ e, mais

antiguidade
diversidade
étnica
cultural

1 Normalmente, as populações negras são divididas em sete grupos lingüísticos: os koisan (formados pelos koi-koi ou hotentotes e pelos sam ou bosquímanos, que viviam no sul da África e hoje estão confinados nas periferias do Kalahari, no sudoeste do continente), os tua ou pigmeus (habitam as florestas tropicais entre os sudanenses e os bantos), os sudanenses (são originários do centro do continente, de onde migraram para a costa do golfo da Guiné, e habitam majoritariamente a faixa de terra entre este e o Saara), os bantos (que são originários da floresta tropical e migraram, primeiro, em direção sudeste e, depois, sul; hoje ocupam cerca de dois terços da África Negra), os hamitas ou etiópicos (habitam o chamado Chifre da África), os nilóticos (habitam as margens do Nilo Branco e a região dos Grandes Lagos) e os nilo-hamitas (habitam os arredores do lago Turcana) (RODRIGUES. *Pequena história da África Negra*, São Paulo, Globo, 1990, pp. 40-9).

estrutura tribal
dimensões territorial

do que isso, por meio da estrutura tribal, que faz com que cada cultura apresente muitas variantes regionais. Some-se a isso o fato de a África ter uma superfície correspondente a 1,7 vez o tamanho da América do Sul, onde vive, redondamente, o dobro da população.

O estudo da imigração africana é revestido de não menores dificuldades, advindas das condições dramáticas com que ela se processou. Na medida em que os escravistas brasileiros se constituíam numa minoria diante do número de escravos, era necessário tomar uma série de precauções para coibir a revolta dos últimos. Um desses recursos era evitar que os escravos falassem entre si em algum idioma africano, ininteligível para os escravocratas, o que poderia facilitar o surgimento de insurreições. Por isso, faziam questão de que seus cativos proviessem de culturas diferentes. Isso condicionou a forma como era feito esse comércio: o porto de embarque preferencialmente ficava situado numa ilha marítima. Nele eram acolhidos escravos das mais diversas regiões, vale dizer, das mais variadas culturas. Já no embarque, eram selecionados os indivíduos pela heterogeneidade de suas origens. Depois, ao chegar ao Brasil, novamente eram redistribuídos para a venda ou revenda pelo mesmo critério, o que significa que, ao cabo, a mistura das etnias e culturas era a mais completa. Se a isso ainda acrescentarmos o fato de que os registros eram escassos e precários, temos a verdadeira dimensão da complexidade do problema.

Por tudo isso, só podemos nos basear em dados muito vulneráveis sobre a origem étnica das diversas correntes. De início, o centro irradiador da emigração foi a colônia portuguesa da Angola. Com a intensificação da imigração durante a primeira metade do Império, a diretriz que teria sido seguida foi a do comércio segundo os paralelos geográficos – argumento com certo grau de confiabilidade, pelo fato de ter sido o caminho mais curto entre os dois continentes. Por esse raciocínio, os negros do norte e do nordeste seriam, majoritariamente, provenientes da costa atlântica da África central, e os do sul, da África meridional. Em se tratando de negreiros de fala portuguesa,

seria de esperar que a maioria dos cativos viesse das colônias lusitanas, o que corresponde, em certa escala, a dados empíricos levantados em relação à qualificação dos escravos "de nação". Isso significa que, por ordem decrescente, os centros mais importantes de emigração para o Brasil seriam Angola, Guiné e a contracosta (Moçambique). Pelo fato de tanto a população angolana como a moçambicana serem de cultura banta, vamos examiná-las em conjunto.

A. AS CONTRIBUIÇÕES DOS BANTOS

Angola é um país com 1.260.000 quilômetros quadrados, com um clima que varia entre o árido, junto à costa sul, nos confins do deserto do Kalahari, ao muito úmido, no planalto de Huambo, passando pelo semi-árido da costa e do sul, pelo subúmido, na área de transição entre a costa e o planalto e no sudeste, nas bacias do Cuando e Cubango, e pelo úmido, no restante do país, fator decisivo para a diversidade da arquitetura popular. Sua população pertence à etnia dos bantos, que apresenta grande variedade de culturas diferenciadas. Ao norte, no território separado do resto do país pela foz do rio Congo, integrante do território do Zaire, está a província de Cabinda, com população de mesmo nome. Junto à fronteira meridional do Zaire, habitam os quicongos² (13%); mais ao sul, os quimbundos³ (23%); no centro, onde estão as terras mais férteis, habitam os ovimbundos ou umbundos⁴ (38%); junto à fronteira nordeste, os lundas⁵; no sudeste, junto à fronteira com a

diversidade
climática
leva à
diversidade
arq. pop.

≠ 5
proz

2 Esse grupo está dividido em vili, iombe, cacongo, oio, sorongo, muchicongo, sosso, congo, zombo, suco, pombo, guenze, paca e coje (GONZAGA, Angola, pequena monografia, 1968, p. 57).

3 Esse grupo está dividido em ambundo, luanda, hungro, luango, ntemo, puna, dembo, jinga, bondo, bângala, holo, cari, chinje, minungo, songo, bambeiro, quissama, libolo, quibala, haco e sendes (GONZAGA, op. cit., p. 57).

4 Esse grupo está dividido em bieno, bailundo, sele, sumbe, mbui, quissanje, lumbo, dombe, hanha, ganda, huambo, sambo, caconda e echicuma (GONZAGA, op. cit., p. 57).

5 GONZAGA (op. cit., p. 57) afirma que os lundas e os quiocos formam um só grupo que se divide em lunda, lunda-lua-chinde, lunda nhembo, quioco, mataba, cacongo e mai.

Zâmbia, os *quiocos*; o sudoeste é habitado pelos *ganguelas*⁶, *nhanecahumes*⁷, *ambós*⁸, *hereros*⁹ e *xindongas*¹⁰ que, com os dois grupos anteriores, constituem 26% da população. Cada uma dessas culturas está dividida num número variável de tribos.

A capital de Angola é Luanda, e sua arquitetura se constitui numa boa amostra da diversidade do país. Ao lado dos bairros dos colonizadores, foram abertas radiais ao longo das quais se formaram os *muceques*, *quarteirões* da população nativa. Ali predomina a casa denominada *muxiluanda*, que é retangular, de quatro águas ou excepcionalmente duas, com comprimento entre 6 e 8 metros, cobertas de folhas de palmeira com as nervuras fazendo papel de ripas, que são amarradas a uma estrutura de madeira de *paku*. Uma plataforma de terra batida da altura de um degrau protege-a das chuvas. As paredes de pau-a-pique são vedadas com taipa de mão e rebocadas. Externamente, as casas são pintadas com cores vivas, dominando o castanho, o vermelho, o amarelo, o azul e o cinza. Essas casas mantêm a tradição rural de apresentar quintais cercados nos fundos, onde são plantadas hortaliças e onde se encontram as instalações sanitárias. Pela secura do terreno, em Luanda os quintais se transformaram em pátios onde são encontrados apenas coqueiros naturais ou plantados ou, então, uma mandioqueira (*mulamba*), que é menos útil como fonte de alimento (o coco) mas fornece melhor sombra e tem atributos medicinais.

Essas casas se opõem às da área das *ingombotas*, que são uma combinação de aspectos portugueses com nativos. Estas apresen-

6 Esse grupo está dividido em *luimbe*, *luena*, *lovate*, *luchasse*, *bunda*, *guanguela*, *ambela*, *ambelamambumba*, *engonjeiro*, *ngonielo*, *mbande*, *cangala*, *iahuma*, *luio*, *ncoia*, *camachi*, *ndungo*, *nhengo* e *avico* (GONZAGA, op. cit., p. 57).

7 Esse grupo está dividido em *muila*, *gambo*, *humbe*, *donguena*, *hinga*, *quando*, *handa-mupa*, *handa-quipungo*, *quipungo*, *vahono* e *quilengue-muso* (GONZAGA, op. cit., p. 57).

8 Grupo dividido em *vale*, *cafima*, *cuanhama*, *cuamato*, *dombodola* e *cuangar* (GONZAGA, op. cit., p. 57).

9 Grupo composto por *dimba*, *chimba*, *chavicua*, *cuanhoca*, *cuvale* e *cuendelengo* (GONZAGA, op. cit., p. 58).

10 Representado pelos *cusso* (GONZAGA, op. cit., p. 58).

tam uma planta retangular com três divisões internas, com uma porta central que dá para a sala e dois compartimentos laterais, a cozinha e o quarto, cada qual com uma janela. Essa é a tradicional divisão conhecida como "casa açoriana"¹¹. Porém, esse partido está permeado por influências nativas, na medida em que apresenta espessas paredes de cerca de 50 centímetros de espessura feitas de taipa-de-pilão e cobertura de folhas de palmeiras, com quatro ou duas águas. Um pátio traseiro se identifica com o das casas muxiluanda.

casa açoriana
+
influências
nativas

Convém ainda ressaltar a existência, ao lado dos sobrados "portugueses", de outros, chamados de "brasileiros", por sua semelhança externa com os das cidades litorâneas nordestinas. Eles seriam o resultado das influências de comerciantes brasileiros que lá se estabeleceram em razão do tráfico negreiro. Ou seriam realizações de ex-cativos que retornaram a sua origem depois da abolição, como consta ter acontecido na Nigéria?

sobrados
brasileiros

Moçambique é um país um pouco maior que a metade de Angola, com uma área de 770.000 quilômetros quadrados. A língua oficial é o português, ao lado do qual são faladas mais catorze línguas relativas aos grupos étnicos¹² que formam a nação, respectivamente (de sul para norte) zulu, suazi, rongá, tonga, chope, gui-tonga, nianja, zeruro, caranga, sena, macua, ajauá, maconde e suaíle.

A capital histórica do país foi a cidade de Moçambique, localizada na ilha de mesmo nome. No sul dessa cidade, que corresponde a sua parte mais larga, está a Ponta da Ilha, onde vive a população nativa. Apesar da pobreza de vegetais na ilha, nessa parte da cidade há abundância de coqueiros, cuja finalidade é dupla: fornecer sombra¹³ e material de cobertura e de vedação das paredes. As casas quadradas ou levemente retangulares (de aproximadamente 8 x 9 metros) são de pau-a-pique, quase sempre vedadas por taipa-de-mão ou, eventualmente, por folhas de coqueiro, material tradicio-

com

11 Sem a "falsa", obviamente.

12 Síntese monográfica de Moçambique, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1971, p. 36.

13 A latitude é a de Ilhéus, no Brasil.

nal na confecção dos telhados. A taipa pode ser caiada, e as pequenas janelas e portas são pintadas em cores vivas e de fortes contrastes. Atrás das casas existem pequenos quintais onde cresce alguma árvore frutífera (mamoeiro, coqueiro, ricino), sob as quais as mulheres preparam a comida e onde pode ser encontrado um quarto separado para as crianças. As casas têm uma sala na frente da qual sai um corredor que leva a outra, nos fundos, que serve de cozinha em caso de chuva. Entre as duas está o quarto.

A.1. A arquitetura dos bantos

A forma mais simples e antiga da cultura banta são as casas de planta circular¹⁴ que, no entanto, podem ter uma cobertura bastante variada. A maneira mais corriqueira de produzi-las é fincar varas flexíveis no solo em círculo e vergá-las em semicircunferência, amarrando as varas opostas entre si. Depois é fincada uma quantidade igual das mesmas varas no mesmo círculo. Elas são então vergadas e amarradas, porém de maneira que a segunda camada de varas fique ortogonal à primeira. Ao fixar uma camada na outra, cria-se uma estrutura muito resistente que depois é coberta com folhas ou, como no caso de alguns grupos de bosquímanos, com esteiras de palha ou junco – que, nesse caso, são reaproveitadas na construção de novas casas após cada deslocamento.

A principal razão pela qual se admite que essa é a forma que deu origem às demais é o fato de que ela é comumente empregada pelos nômades que habitam territórios periféricos ao dos bantos. Ela é empregada nas culturas *koiisan*, que ocupam territórios que cercam o deserto do Kalahari (o sul de Angola, Namíbia, Botsuana e África do Sul); tanto pelos *koi-kois* (também denominados hotentotes), que habitam sua periferia ocidental, como pelos *sans* (tam-

14 O trabalho mais consistente disponível sobre a arquitetura popular de Angola é o de REDINHA, José. *A habitação tradicional em Angola: aspectos de sua evolução*, Luanda, Museu de Angola, 1964, 53 pp., de onde foi extraída a maioria dos dados a seguir analisados.

tal e constituem a população mais antiga do sul da África. No extremo norte do território, na fronteira com os sudaneses que corresponde à divisa política entre o Congo e o Gabão, habitam os pigmeus, que também utilizam essas formas de habitação. Em se tratando de povos nômades, essas casas têm utilização transitória e, por isso mesmo, sua construção é pouco requintada. Isso não quer dizer que não possam ser encontradas construções em cúpula definitivas entre grupos bantos. Essas podem ser de dois tipos: as semi-esferas, apoiadas diretamente no solo, como é o caso típico dos *zulus* de Moçambique e da África do Sul, ou dos *hereros* que habitam a fronteira angolana com a Namíbia; e os cones, que empregam varas rígidas apoiadas no solo. Os últimos apresentam duas variantes: as varas são amarradas entre si no topo da estrutura, como em algumas construções mais simples entre os *mucubais*, no sul de Angola; e as varas são apoiadas num pilar central, como num tipo de *cubatas* (casas) dos *ambuelas*.

Apesar da simplicidade dessas estruturas, seu acabamento varia muito. Entre os *zulus* que habitam uma região relativamente úmida, a estrutura é coberta por palha amarrada em ripas horizontais, e, por vezes, essa cobertura é envolvida por uma rede de cordas que fixa melhor a palha, especialmente em regiões de ventanias. Em Angola, tanto os *hereros* como os *mucubais*, seus vizinhos, utilizam uma solução semelhante de fechamento, mas a camada de palha é bem mais fina, pelo fato de servir apenas para sustentar uma camada de acabamento externo de uma argamassa de barro e esterco de vaca¹⁵. É claro que a baixa resistência desse tipo de argamassa exposta diretamente às chuvas está condicionada a um clima seco e é largamente empregada em paredes e no acabamento do piso interno,

15 O emprego do esterco de gado *vacum* é amplamente difundido tanto entre os bantos como entre os sudaneses, não só por suas qualidades de material construtivo (é pastoso quando fresco e vai endurecendo à medida em vai "curando") mas, principalmente, por suas qualidades de inseticida.

onde o material não esteja exposto à ação da água. Essas estruturas são restritas ao uso em construções de caráter conservador, especialmente as que se destinam a fins religiosos, como as “casas dos orixás”, as casas cerimoniais da puberdade, os oratórios, as cubatas das relíquias dos mortos; ou a fins governamentais, como as moradias de *sobas* (chefes) de diversas tribos.

Embora a ocorrência de cúpulas dessa origem não tenha sido constatada na atualidade do Brasil, não se pode descartar essa possibilidade, visto que ultimamente vem sendo reproduzido em diversas publicações um desenho de 1764 existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, de autor não identificado, que representa a planta do Quilombo do Buraco do Tatu, na Bahia (fig. 72), em que podem ser identificadas diversas *cubatas* semi-esféricas.

Uma forma um pouco mais elaborada de construções de cúpulas são aquelas em que elas se apóiam sobre paredes circulares. Nesse caso as ripas passam a fazer parte da estrutura para garantir

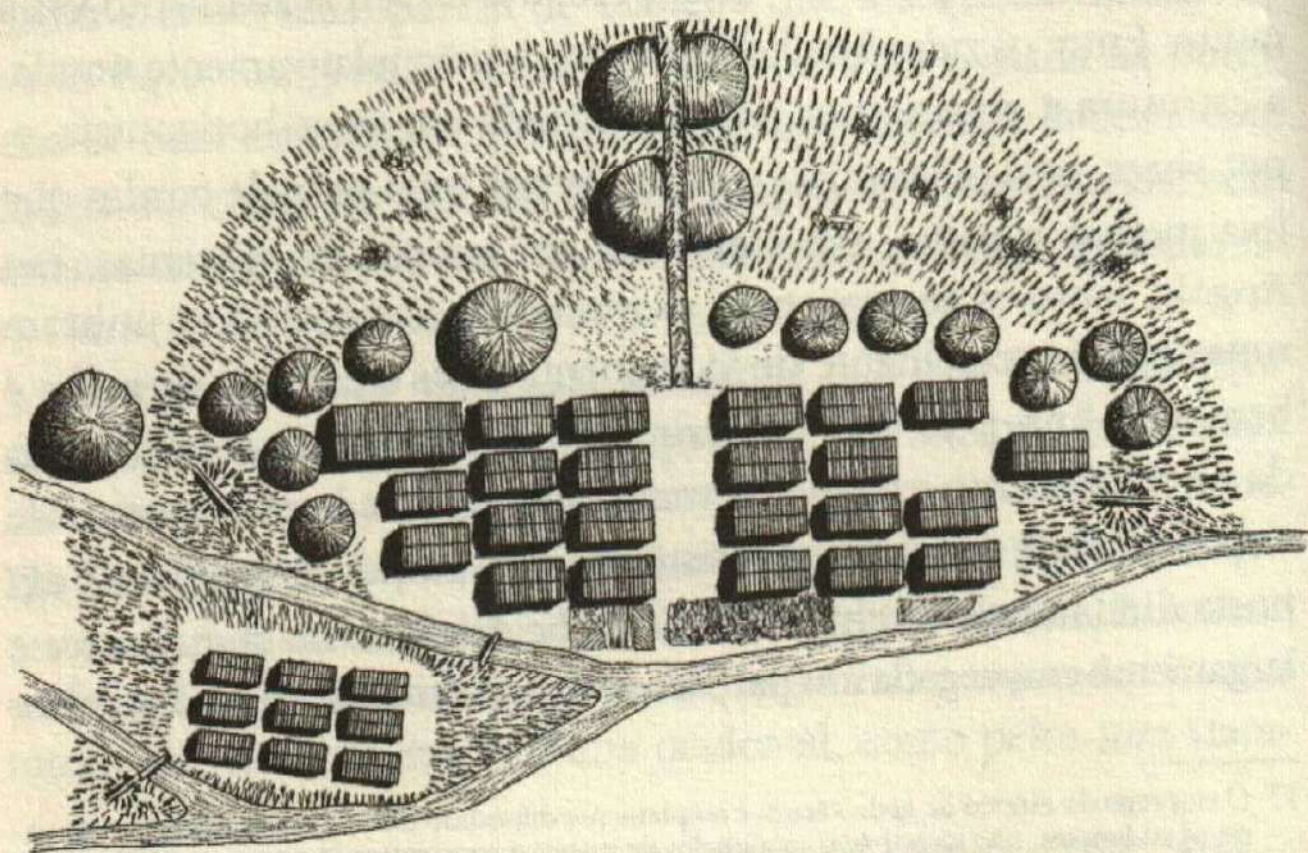


Fig. 72: Quilombo do Buraco do Tatu, Bahia, 1764. Interpretação de um desenho existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

a forma da esfera, visto que, no chão, as tensões horizontais eram absorvidas pelo solo, enquanto, quando elevadas, passaram a ser absorvidas por essas varas. Com a elevação, surgem diversas possibilidades de conjugação das paredes com a cobertura: em Angola, as *cubatas* (casas) provisórias dos *quiocos* (sudeste) têm paredes inclinadas; as *cubatas* dos *lundas* (nordeste) e, por vezes, dos *ganguelas* (sudoeste) têm paredes verticais, e a cobertura se projeta levemente sobre elas na forma de um minúsculo beirado; nas *cubatas* dos *quilengues* (sudoeste), o beirado recebe um corte arqueado para destacar a porta.

Hoje, as formas mais comuns das *cubatas* em Angola são as de plantas retangulares, com coberturas de palha com duas ou quatro águas. No entanto, a socialização dessas formas é relativamente recente em virtude da penetração da cultura européia e dos materiais que ela trouxe consigo. A outra componente dessa transformação foi a independência do país, com a afirmação de valores culturais comuns que – ainda que com alguma dificuldade – têm conseguido uma relativa homogeneidade que vai nivelando as formas expressivas da nação.

Essa, no entanto, não foi a situação na época da emigração para o Brasil, quando ainda estavam em uso as formas tradicionais características das diversas culturas étnicas, que apresentavam numerosas variantes regionais e tribais. De modo geral, pode-se dizer que a característica mais comum da arquitetura banto eram as *cubatas* redondas com coberturas cônicas. A regra era que cada *cubata* tivesse apenas um único espaço interno, por vezes chamado de *osala*, adaptação da palavra portuguesa “sala”. A estrutura familiar era poligâmica. Cada família vivia num *kraal*¹⁶, denominação que acabou por ser universalizada. Consistia na definição de um terreno cercado no qual eram construídas as diversas edificações

¹⁶ Nomenclatura aparentemente inglesa que recebe denominações específicas em cada língua nativa.

da família, entre as quais se contavam as várias *cubatas* (uma para cada esposa, uma para o marido, outra para a mãe do marido, por vezes para filhos e/ou filhas adultas, algumas para eventuais parentes agregados da unidade familiar, o silo de cereais, a latrina com o banheiro conexo e, naturalmente, a cobertura plana da cozinha, quando não se cozinhava a céu aberto, e, ainda, a *cubata* de sombra, tradicional cobertura sob a qual se reuniam os homens para conversar).

Em geral, as paredes das casas não eram mais altas que 1,5 metro, o que forçava os moradores a se abaixar quando entravam nelas ou os levava a empregar artifícios construtivos para elevar a verga da porta. Nos climas quentes e secos, a regra era a construção de paredes de pau-a-pique, sem nenhum tipo de vedação das frestas e beirados pouco salientes. Havia um grande número de variantes na forma de vedação das frestas das paredes nas demais regiões. As mais comuns eram a de palha e a de taipa de mão, que podia ser colocada apenas por um lado ou por ambos, de barro amassado puro ou, preferencialmente, misturado com esterco de vaca por suas qualidades inseticidas. Em geral, o acabamento era bastante grosseiro, mas algumas culturas se esmeravam em recobrir a taipa com uma argamassa de barro, que podia ser, eventualmente, esculpido ou pintado. Poucas vezes as *cubatas* apresentavam janelas e, quando existiam, eram muito pequenas. Em geral, essas casas tinham apenas uma porta que, em algumas tribos do sul de Angola, nem mesmo tinha tampo de fechamento. Nesse caso, por estarem sempre abertas, eram guarnecidas por um fogo permanente. Por vezes, apresentavam duas portas; uma ficava oposta à outra e definiu-se uma para utilização masculina – a da rua – e outra mais utilizada pelas mulheres, a dos fundos, que dava acesso ao pátio, local de trabalho doméstico.

A cobertura era quase sempre cônica. Sua estrutura era montada no solo e, depois de devidamente contraventada, era elevada e colocada sobre a parede. A vedação era feita com folhas de pal-

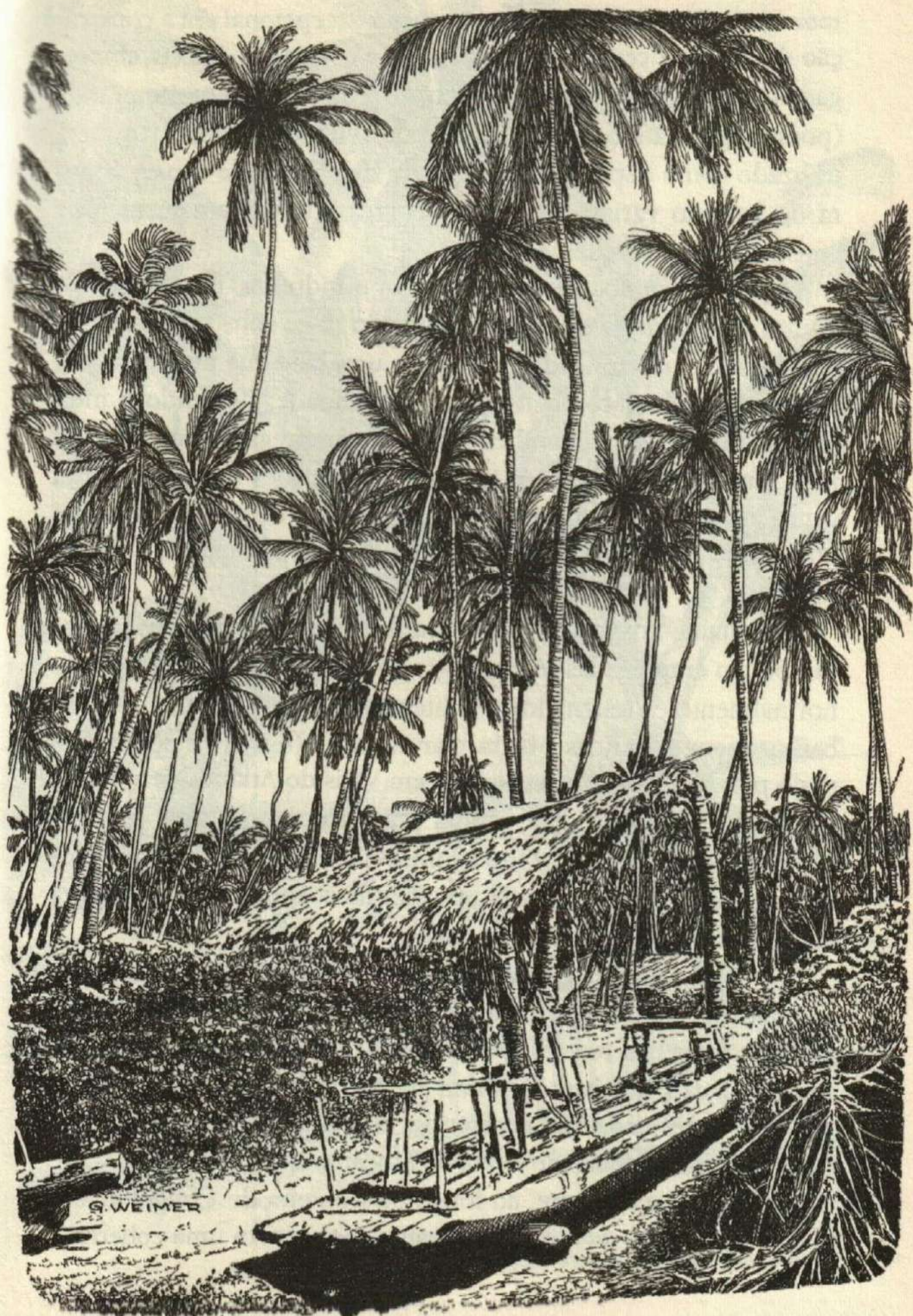


Fig. 73: Uma cubata de sombra na praia de Piedade, Pernambuco.

meiras ou, por vezes, de junco. Solução excepcional era a construção de um pilar central que sustentava a cobertura. Ela era empregada em dois casos: quando o diâmetro da casa era muito grande (podia chegar até 6 metros) e quando o desvão da cobertura era utilizado como depósito de cereais ou de objetos de uso. A largura do beirado variava de acordo com as chuvas e a técnica de construção das paredes.

O piso era apiloado. Como a terra é hidrófila, em regiões de muitas chuvas, para evitar a umidade do piso, construía-se plataformas de terra apiloada, para que a umidade que penetrava por capilaridade fosse compensada pela gravidade, deixando o interior seco. Esse recurso também podia ser empregado para tornar o piso interno horizontal, no caso de construções em declive. Em geral, essas plataformas têm apenas a altura de um ou dois degraus, mas há casos em que podem chegar a ultrapassar 1 metro de altura.

Levantamentos realizados no Brasil mostraram que essas formas são pouco empregadas. A tipologia do cone-sobre-cilindro (como normalmente é designado pela literatura anglo-saxônica) foi encontrada em quitandas à beira-mar no norte (fig. 77) e no nordeste do país, como a curiosa barraca em Vilas do Atlântico em Lauro de Freitas, na Bahia, que vendia acarajé como *fast foot* – e não como *fast food* (fig. 74). Outra forma da construção dos telhados cônicos pode ser encontrada nos guarda-sóis de fibra de piaçava das praias do norte e nordeste.

No Brasil só foram encontradas casas de planta quadrada ou retangular. Essa é a razão pela qual nosso interesse se restringiu à procura delas nas regiões de emigração no continente negro. Na área ocupada pelos bantos, foram encontradas três regiões em que pode ser constatada sua ocorrência: na costa noroeste e no Alto Zambeze, em Angola e no norte de Moçambique.

Na província do Zaire, ao longo da fronteira do Congo, vivem os quicongos. Suas *cubatas* são de pau-a-pique, com uma cobertura

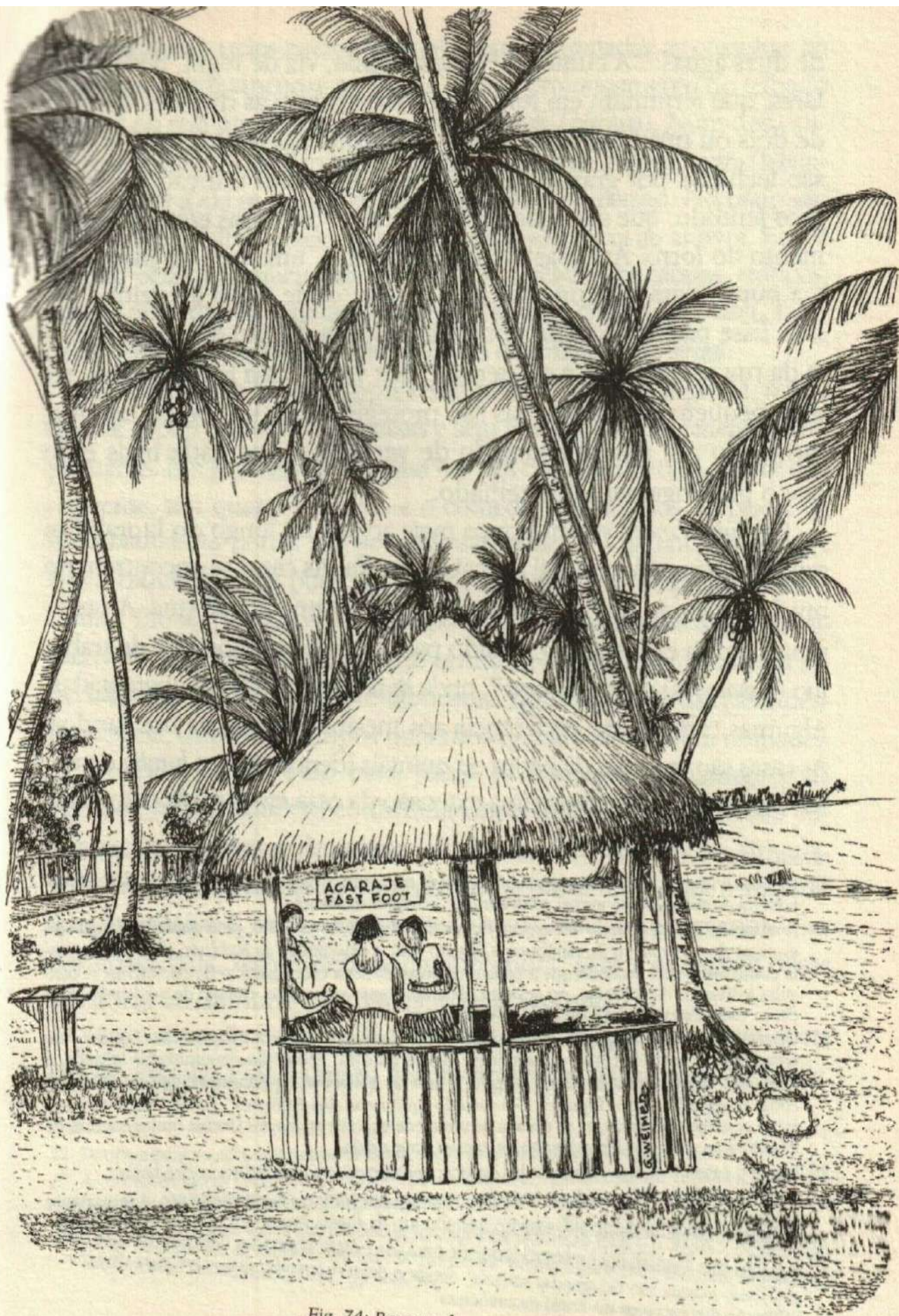


Fig. 74: Barraca de acarajé em Vilas do Atlântico, Lauro de Freitas, Bahta.

de duas águas¹⁷. A cumeeira¹⁸ é sustentada, via de regra, por três pilares, que terminam em forquilha e estruturam as divisões internas de dois ou três compartimentos. As frestas das paredes e dos tetos são fechadas por gramíneas. É comum fazer um trançado com caniço fendido, que serve de divisão interna das casas e/ou de acabamento do forro. As casas¹⁹ têm duas portas, uma que dá para a rua e a outra, para o pátio traseiro da casa, onde estão a cozinha e o silo. Esse pátio é fechado por uma paliçada de pau-a-pique. A porta da rua sempre está à esquerda e, por vezes, essa fachada pode ter uma pequena janela. Ambas são protegidas por um beiral saliente, formando um abrigo chamado de *varanda* – que nada mais é do que o prolongamento do telhado.

Os *quimbundos* vivem pouco mais ao sul, ao longo do litoral. Em seu território está a capital do país, Luanda. As casas se encontram no nível do solo ou um pouco elevadas, sobre uma plataforma. A preferência é pela extensão do telhado para formar um alpendre de trabalho (*lussambos*) diante da casa²⁰, onde se reúnem mulheres aparentadas. Algumas tribos²¹ dão preferência aos mesmos alpendres nos fundos. As casas são providas de pátios ou quintais (denominados *lumbu* ou *itari*), que funcionam como uma extensão da casa em virtude das múlti-

17 Curiosa é uma variante empregada pelos *ossos*, que usam coberturas em forma de abóbada recoberta de palha, sobre a qual colocam um “colchão” de barro.

18 A cumeeira é denominada *mu'kambu*, donde o designativo *mocambo*, pelo qual são designadas as casas dos negros em Pernambuco. Gilberto Freyre (*Mucambos do Nordeste*, cit., que ele grafava como *mucambo*) sustenta que a palavra *quimundo* seria o designativo de *esconderijo*. A consulta a diversos dicionários, no entanto, desmente essa suposição. *Cubata* de *mu'kambu* quer dizer “casa de cumeeira”, ou seja, de duas águas.

19 Quando as casas se conjugam em forma de aldeias, sua disposição é bastante livre – o que não tem nada de caótico, como o classificam alguns autores. São então denominadas *kilombo*, o que quer dizer povoação e deu origem à palavra *quilombo*, equivocadamente interpretada como refúgio de negros fugitivos. No caso do “quilombo dos Palmares”, houve outra interpretação equivocada, visto que se tratava de uma federação de *quilombos* (forma muito comum de organização social na África) e não de apenas uma aldeia.

20 Esse é o caso típico dos *chinjes*, cujas *cubatas* se caracterizam pela saliência dos beirais.

21 Embora não seja objetivo deste trabalho o estudo das formas de assentamento, é importante assinalar uma variante de aldeamento *quimundo* de forma linear, em que as *cubatas* são geminadas que formam conjuntos ao longo de uma rua e estão separadas dela por divisões clânicas. Essas aldeias são designadas *sanzala*, donde a palavra *senzala*, que serve para designar a habitação dos escravos no Brasil escravocrata.

plas atividades neles exercidas. Neles estão instaladas as cozinhas ao ar livre, sob um alpendre na forma de um prolongamento do telhado da casa ou sob uma simples esteira de *luando* (papiro). Num dos cantos mais afastados, está instalada a latrina sobre uma fossa negra (*kibungu*²²). Junto a ela se encontram as instalações de banho. No pátio são recebidas as visitas, e nele se trabalha de preferência ao ar livre. Essa é a razão pela qual precisa ser muito bem cercado por tábuas, troncos, chapas zincadas ou esteiras de *luando* (papiro), chamadas *mabu*. Também é comum o uso de cercas vivas na delimitação do *kraal*.

As *cubatas* são quase sempre retangulares²³, de pau-a-pique, revestido de capim ou barro. São baixas e sem janelas, ou com janelas muito pequenas. Em geral dividem a casa em três compartimentos, com a sala na frente, um quarto no meio e o comedor nos fundos. O piso é de terra batida. As portas são de madeiras locais, e a da entrada sempre fica à esquerda, que pode ser composta com uma pequena janela à direita. Em alguns casos, as casas podem ter duas janelas dispostas simetricamente em relação à porta central. Há carpinteiros nativos especializados em moradias pré-fabricadas, que evoluíram das casas desmontáveis, usuais em tempos pretéritos quando ainda eram nômades.

No extremo leste do país, junto às fronteiras do Congo e da Zâmbia, região também conhecida como do Alto Zambeze, são encontradas as *cubatas* de planta quadrada, com coberturas singulares – não serão estudadas aqui porque seu interesse para a arquitetura brasileira é irrelevante; essas formas não foram encontradas em nosso país. Isso é fácil de compreender, pois a anexação desse território ao domínio português foi mais recente.

Uma situação especial é a dos *ganguelas*²⁴, que vivem na costa sul de Angola. Eles habitam o semi-árido das terras altas da Huíla,

22 Onde a palavra *cabungo*, usada no Brasil como sinônimo de fossa negra.

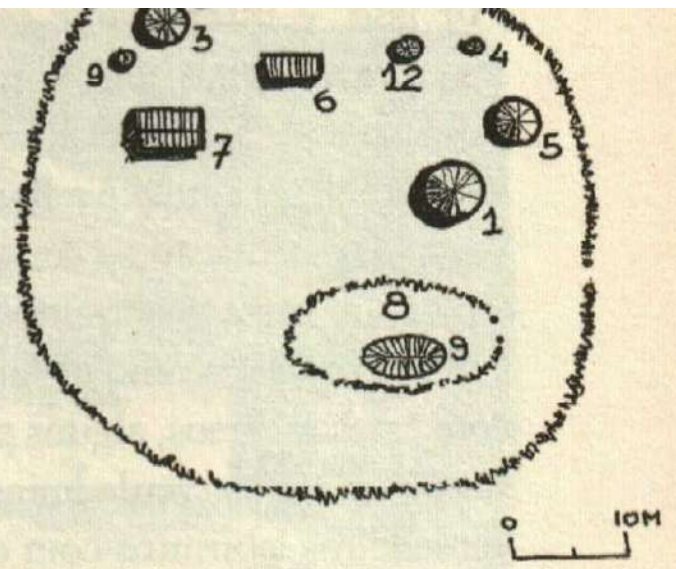
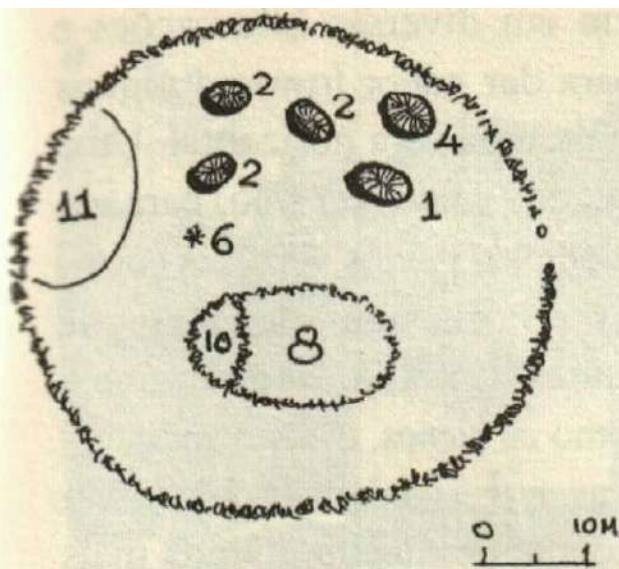
23 As exceções são as *cubatas* dos *huambo*, *libolo* e *quissama*, que têm paredes cilíndricas com coberturas cônicas. O diâmetro pouco varia, em torno de 4 metros.

24 Os dados referentes a essa cultura foram baseados na descrição feita por BRITO, Raquel Soeiro de. *No trilho dos descobrimentos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, pp.148-56.

onde as influências do deserto do Kalahari²⁵ são muito fortes, por isso suas formas de vida são pobres e pouco diferenciadas. Trata-se de um povo agropastoril, em que o pastoreio é exercido pelos homens e a agricultura, pelas mulheres. Suas *cubatas* são circulares e de um só compartimento. Em geral se cozinha ao ar livre ou sob uma simples cobertura de palha. Esta se constitui no local de trabalho para as mulheres. Também é comum a existência de construção similar para os homens, a *cubata de sombra*. Salvo as últimas, sua arquitetura residencial não tem similar no Brasil, porém, deixaram algumas influências em nosso país.

Os *ganguelas* vivem em sítios cercados denominados *kraal*. Estes se constituem de uma área reservada a uma família, têm dimensões variadas e são rigidamente cercados. Neles se encontram construções para diversos fins, um cercado onde o gado passa a noite, uma horta e, em alguns casos, um pomar. O acesso ao *kraal* é feito através de um portão marcado por dois troncos verticais e fechado por varas horizontais corrediças. Vive-se basicamente do pastoreio. Crucial para sua organização social é a existência de *cacimbas* (fontes d'água abertas no fundo dos rios) em períodos de seca, para a sobrevivência humana e do gado. A escassez de água os obriga a um esporádico nomadismo. Cada *kraal* é fechado por uma cerca viva de *minguengue* ou *mulemba* (arbustos espinhentos e ásperos) ou por cercas feitas com galhos espinhosos, que apresentam diversas formas de construção. A mais simples consiste em abrir um fosso contínuo em que são colocados galhos verticais lado a lado, de modo que se forme uma cerca contínua, quando o fosso é novamente fechado com a terra escavada, que é apiloada para garantir a firmeza de cada madeira. Para proteger gado e gente de grandes predadores, especialmente os grandes felinos (leões, leopardos, guepardos, panteras), essas cercas precisam ser bastante altas, o que as torna vulneráveis se estiverem apenas fixadas no solo.

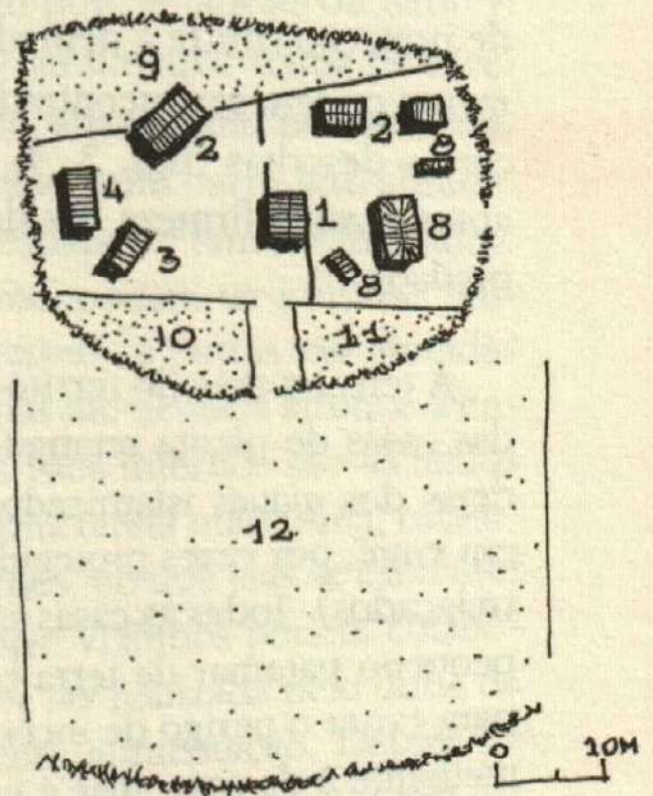
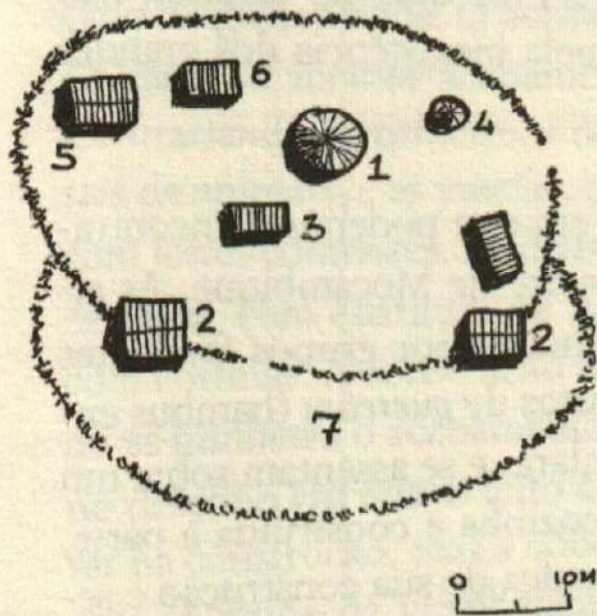
25 Setenta e seis por cento da Huila é árida e a ocupação humana, nula ou insignificante.



1 - chefe, 2 - mulher, 3 - hóspede, 4 - filhos, 5 - pastores, 6 - cozinha, 7 - secador, 8 - samo cercado, 9 - abrigo de gado, 10 - bezerros, 11 - *chitomoha*, 12 - mãe do chefe

"KRAAL" MUCHIMBA

"KRAAL" MUCUBAL



1 - chefe, 2 - mulher(es), 3 - cozinha, 4 - filhos, 5 - celeiro, 6 - hóspede, 7 - plantação, 8 - abrigo de gado, 9 - mandioca, 10 - batata-doce, 11 - *massambala*, 12 - milho

"KRAAL" MUÍLA

"KRAAL" MUTCHILENGUE

Por isso, é interessante terminarem em diversas bifurcações e amarradas a um galho horizontal para dar maior firmeza. Alguns povos preferem a colocação de mais de uma vara horizontal. Uma variante dessa forma é a fixação de alguns galhos no solo, para garantir a sustentação da cerca com os demais galhos verticais encaixados sob pressão entre três galhos lisos horizontais, de modo que galhos contíguos tenham uma curvatura contrária. Não satisfeitos com esses recursos, alguns povos, como os *bienos*, transformam essas paliçadas em verdadeiras fortalezas, e os *cuanhamas* constroem verdadeiros labirintos com o fim evidente de dificultar ainda mais o acesso ao interior do *kraal*.

Ainda que a arquitetura residencial dos *ganguelas* não tenha sido encontrada no Brasil, é evidente que um contingente de sua população deve ter sido levado a nosso país, visto que não somente a terminologia de seus poços (*cacimbas*) é usual nas regiões do semi-árido nordestino como também a forma de sua construção e de proteção contra a depredação do gado. Do mesmo modo, facilmente podem ser encontradas as diversas formas de construção de cercas descritas (figs. 3, 4, 126, 127, 148) que, no entanto, não apresentam a firmeza das da África, pela inexistência dos grandes predadores.

A terceira área do território banto em que podem ser encontradas casas de planta retangular é no norte de Moçambique. As aldeias dos *ajauás* islamizados se estruturam por grupos familiares em *kraal*, por vezes protegidas por muros de *queretim* (bambus entrelaçados). Todas as casas são retangulares e se assentam sobre um pequeno patamar de terra batida. A cozinha é construída à parte, para evitar o perigo de incêndio. A técnica de sua construção é semelhante à da casa, mas é mais simples, mais rústica. Na parte de trás há um cercado de pau-a-pique ou de *queretim* que protege a cozinha, o canto de banhos e os celeiros. Nesse recinto são preparadas e realizadas as refeições.



Fig. 76: Casa ajauá, Moçambique setentrional.

As plantas das casas podem variar entre 3×5 metros e 4×6 metros e são protegidas por amplas varandas, construídas pelo prolongamento das quatro águas do telhado. A varanda por vezes é utilizada como cozinha. Essas casas têm poucas janelas ou nenhuma. A única porta é baixa e começa 30 centímetros acima do nível da casa. As paredes são de taipa-de-mão, sustentadas por um trançado de galhos finos. O acabamento é feito com barro fino alisado. As casas de melhor acabamento têm rodapés e lambris pintados. Contrariando os princípios do islamismo, podem ter pinturas murais de animais, e as janelas, quando existem, e portas são pintadas com fortes contrastes. As divisões internas são de meia altura e feitas de taipa, com estrutura de bambu. Os vãos internos são fechados com cortinas. A construção da casa é uma tarefa masculina, cabendo às mulheres o acabamento das paredes, no que elas se esmeram no desenho em relevo feito com as mãos. Vizinhos podem colaborar na construção, mas a cobertura deve ser realizada pelo dono da casa. A ajuda da vizinhança é paga com alimentação. Depois de pronta, a casa permanece desocupada por duas semanas, ao fim das quais a ocupação começa pela pintura realizada pelas mulheres.

Outro povo moçambicano cujas casas têm planta retangular são os *nianjas*, que, no entanto, não são bantos. Segundo sua tradição,

seriam originários das margens do rio Níger (golfo da Guiné), de onde teriam sido expulsos por povos "invejosos" e, depois de muitos deslocamentos, teriam encontrado a terra de seu agrado no lado oriental do lago de Niassa, que serve de divisa de Moçambique com o Malavi. Entre eles há dois tipos de povoamentos: as aldeias e os núcleos. Nas primeiras há casas isoladas ou agrupadas em conjuntos familiares. Junto a elas há mangueiras, papaieiras ou palmeiras. Cada família limita suas terras com cercas vivas de *tchingo* ou *mandolo*. Outra forma de assentamento são os núcleos, um conjunto de até quatro casas isoladas em meio à plantação. Trata-se de pobres cabanas de caniço, sem revestimento de terra.

As casas têm planta retangular, com paredes de pau-a-pique em que as frestas são preenchidas com caniços. As pequenas têm um só compartimento, e as maiores podem ter apenas um tabique divisório interno ou um quarto central ladeado por um corredor que liga os compartimentos extremos. As janelas, quando existem, são pequenas e fechadas com um traçado de caniços; raramente são de madeira. A porta ou portas, quando há um pequeno quintal nos fundos, são de madeira ou bambu e fechadas com engenhosas fechaduras de madeira. A cobertura de capim assenta numa estrutura de bambu que se apóia sobre prolongamentos das paredes, de modo que fique uma abertura em toda a volta para fins de circulação de ar.

Esses dois povos vivem no interior do país, o que dificultou seu envolvimento com o comércio escravagista. A indicação da existência de tráfico negreiro a partir da contracosta (Moçambique) pode ser atestada pela existência, embora rara, de exemplares de arquitetura residencial praticada por esses dois povos.

B. AS CONTRIBUIÇÕES DOS SUDANESES

Outra área de importância para a emigração africana ao Brasil é constituída pelos países periféricos ao golfo da Guiné, com exten-

são até o Senegal e Cabo Verde. Nessa região havia três pontos de embarque de cativos, que permaneceram sob a tutela portuguesa até a descolonização da África: a Guiné Portuguesa (hoje Guiné-Bissau), o arquipélago do Cabo Verde (defronte a Senegal) e as ilhas de São Tomé e Príncipe (na altura do atual Gabão). Esses, no entanto, não foram os únicos pontos emissores da mão-de-obra cativa para o Brasil. Prova disso são os numerosos fortes construídos pelos portugueses no continente, ao longo da costa. Estes tiveram uma importância variável ao longo do tempo no contexto do tráfico. Conforme as oscilações do mercado, os cativos das mais diversas regiões eram a eles encaminhados à espera de seu embarque para a América. Por isso é necessário examinar a região como um todo.

Trata-se de uma região eminentemente tropical, limitada ao sul e a oeste pelo Atlântico e ao norte pelo Saara. As costas pantanosas, com amplos manguezais, formam a moldura atrás da qual se estende uma espessa floresta que acompanha a faixa litorânea. Temperaturas altas, com médias variando entre 21 e 32°C ao longo do ano, não favorecem o conforto humano, pelo alto grau de umidade que causa chuvas torrenciais. Porém, à medida que as terras se afastam da costa, a floresta perde o seu vigor e, depois de uma faixa de transição, transforma-se em savana, que vai se tornando cada vez mais rala até virar deserto.

A região é ocupada por um grande número de culturas diferentes, entre as quais pode haver acentuadas hostilidades, afinidade ou alianças. Um exemplo típico é o da Guiné Portuguesa, um pequeno território com 36.000 quilômetros quadrados de costa extremamente recortada. Hoje a população é constituída de pouco mais de um milhão de pessoas, divididas em muitas culturas, como *balanta* (30%), *fula* (20%), *maniaca* (14%), *mandinga* (13%), e diversos grupos menores (*beafada*, *nalu*, *felupe*, *baiote*, *banhum*, *cassanga*, *cobiana*, *brame*, *papele*, *bijagó*, *baga*, *landumã* etc.).

De forma geral, a população da Costa da Guiné tem sido classificada como sudanesa. Suas origens são obscuras. O passado mítico-

co de quase todas elas aponta o norte como a região de onde teriam imigrado. Algumas culturas nigerianas dizem que se originaram de um personagem mítico Oduduá, que teria vindo do nordeste. Alguns povos ocupam a região comprovadamente há milênios, enquanto outros são de penetração mais recente. Ao longo desse tempo houve intensa mobilidade interna. Comerciantes árabes atravessaram o deserto atrás do ouro, que já era exportado antes de Maomé, e seus escritos dão conta da existência de grandes reinos a partir do século XIII.

A partir do século XV começou a se fazer sentir a presença europeia. Foram os descobridores portugueses que lhe deram o nome Guiné, palavra tirada do berbere (*Akal n-Iguinaven*, "terra dos negros"), bem como os nomes mais antigos das diversas regiões (Costa da Pimenta [Libéria], Costa do Marfim, Costa do Ouro [Gana], Costa dos Escravos [Benim e Nigéria ocidental]). Os nomes dos diversos países surgiram em função dos interesses coloniais das potências europeias, ligados principalmente com o comércio escravocrata para a América. Não foram os europeus que inventaram esse comércio. Ele remonta à Antiguidade, quando comerciantes árabes já se aproveitavam da instituição local da escravidão para auferir lucros. Os europeus, no entanto, não tiveram o menor escrúpulo em se aproveitar desse comércio para tirar cada vez maiores proveitos. Por isso as potências coloniais ratearam entre si o território, sem o menor respeito para com as populações locais, destruindo os sistemas administrativos existentes e arrasando até mesmo cidades inteiras a tiros de canhão. Mais tarde, continuaram com verdadeiros empreendimentos genocidas, quando as populações locais se insurgiram contra as atrocidades que estavam sendo cometidas. A descolonização que passou a se processar a partir da Segunda Guerra Mundial, na maior parte dos casos, não foi pacífica e só aconteceu depois de uma desgastante guerra de guerrilhas de exércitos maltrapilhos contra tropas coloniais bem treinadas, cujas conseqüências podem ser resumidas num generalizado banho de sangue. Depois da independen-

dência, as antigas desavenças tribais continuaram a gerar uma seqüência quase infundável de guerras civis.

Apesar de tantos problemas, a cultura negra continua mais viva do que nunca. As habilidades artesanais e estéticas desses povos continuam produtivas, a exemplo da longínqua tradição da escultura de máscaras rituais, que podem ser regateadas a preços aviltantes nos mercados africanos mas continuam a ser um monumento de criatividade do gênero humano. Muitos palácios e cidades foram arrasados, mas a fragilidade de sua arquitetura tem a vantagem de poder ser facilmente reconstruída. Não é proposta deste trabalho examinar a arquitetura palaciana, mas a produzida pelo povo.

Hoje, a Costa da Guiné está dividida em dezessete países²⁶ de características bastante diferentes, tanto em extensão como em população. Ainda hoje está profundamente dividida em culturas diferentes, como pode ser visto na tabela abaixo:

País	Pop. milhões	Área 1000 km ²	Composição populacional
Senegal	9,2	197	ulofo (44%), fula (ou fulani - 23%), serere (15%), diola (6%), mandinga (5%), e outros (7%).
Gâmbia	1,3	11	mandinga (42%), fula (ou fulani - 18%), ulofe (16%), jola (10%), serauli (9%), e outros (5%).
Guiné	7,4	246	fula (ou fulani - 35%), mandinga (30%), süssu (20%), e outros (15%).
Guiné-Bissau	1,2	36	balanda (30%), fula (ou fulani - 20%), maniaca (14%), mandinga (13%), pápele (7%), e outros (16%).
Serra Leoa	4,7	13	mandê (34,6%), timne (31,7%), limba (8,4%), cono (5,2%), bulone (3,7%), peule (3,7%), coranco (3,5%), ialunca (3,5%), quisi (2,3%), e outros (3,4%).
Libéria	2,9	111	Grupos étnicos autóctones (95%), capele (19%), bassa (19%), e outros.

26 Não foram considerados os países mediterrâneos da região que possivelmente contribuíram com um número mínimo de escravos, como o Mali, Burkina Fasso, Níger, Chade e República Centro-Africana.

			(10,5%), <i>timne</i> (7,3%), e outros (33%).
Benim	5,9	113	<i>fon</i> (39%), <i>ioruba</i> (12%), <i>goun</i> (12%), <i>bariba</i> (12%), <i>adja</i> (10%), <i>somba</i> (4%), <i>aizo</i> (3%), <i>mina</i> (2%), <i>dendi</i> (2%), e outros (4%).
Nigéria	108,9	924	<i>hauça</i> (23%), <i>fula</i> (ou <i>fulani</i> - 22%), <i>ioruba</i> (21%), <i>ibo</i> (18%), <i>tive</i> (3%), <i>ijo</i> (6%), <i>bura</i> (1,5%) e outros (5,5%).
Camarões	14,7	475	<i>camarão</i> (31%), <i>banto</i> (19%), <i>quiridi</i> (11%), <i>fula</i> (ou <i>fulani</i> - 10%), e outros (29%).
Guiné Equatorial	0,44	28	<i>fang</i> (80%), <i>bubi</i> (15%), e outros (5%).
Gabão	1,2	267	<i>fangué</i> (35,5%), <i>mepongue</i> (15,1%), <i>mebede</i> (14,2%), <i>bapunu</i> (11,5%), e outros (29%).
Congo	2,9	342	<i>congo</i> (48%), <i>sango</i> (20%), <i>bateque</i> (17%), <i>embochi</i> (12%), e outros (3%).
Cabo Verde	0,4	4	crioulos (71%), negros (28%), brancos (1%).
São Tomé e Príncipe	0,14	0,9	negros (95%), mestiços (4%), brancos (1%).

Fonte: Almanaque Abril Mundo, 2005, São Paulo, Abril, 2005.

B.1 A arquitetura dos sudaneses

Dentro desse elenco de nações, duas e exatamente as menores (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), formadas por ilhas, divergem do denominador comum: quando os portugueses as descobriram, estavam desabitadas. Transformadas em empório de escravos, reuniram uma população africana das mais diversas origens.

A estremada diversidade da população do continente faz com que apresente formas arquitetônicas igualmente diversas. Mesmo assim, um número significativo ainda vive em casas do tipo cone-sobre-cilindro, à semelhança do que foi visto entre as populações bantas. Aquelas populações que já não adotam esse tipo de cons-

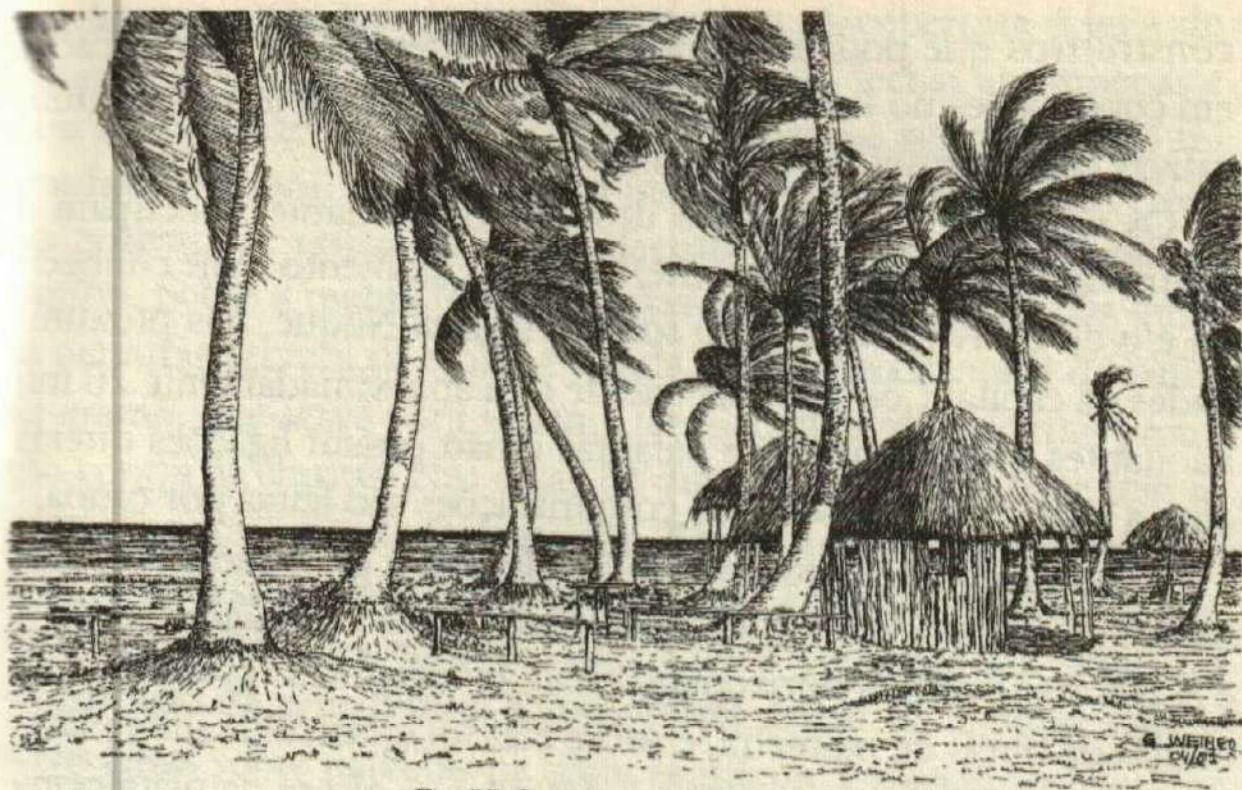


Fig. 77: Barracas de bares na praia do Pesqueiro, ilha do Marajó.

trução trazem, quase sempre, em sua memória a informação ancestral desse arquétipo. Ao contrário dos bantos, no entanto, não foi encontrada nenhuma referência a construções de cúpulas.

Em compensação, as tipologias de casas de plantas quadradas ou retangulares são significativamente maiores. Algumas apresentam influências muçulmanas, com seus pátios centrais cercados por compartimentos total ou quase totalmente vedados para o exterior da construção, à maneira das casas-poço da África Branca, ao norte do Saara, como entre os *achantis*, em Gana. Outras denotam a mesma influência, mas não se atêm de forma tão rígida a esse arquétipo. Trata-se de casas ordenadas em torno de um pátio quadrado, sem que as construções se toquem nos cantos dele, como entre os *baulés* da Costa do Marfim. Os *fantis* de Gana conseguiram uma solução de conciliação entre as duas anteriores, na medida em que colocaram as construções sob uma só cobertura, mas deixaram corredores que as separavam entre si nos ângulos do pátio.

As culturas que não apresentam influências explícitas dos muçulmanos são numerosas, e várias delas adotaram procedimentos

construtivos que podem ser direta ou indiretamente identificados em construções no Brasil. Por isso vamos examinar as mais significativas para a arquitetura brasileira.

Os *adjas* são um subgrupo dos *eves* (ver adiante) e ocupam o centro do Benim (antigo Daomé). Seu assentamento mais conhecido é o de Ganvié, construído sobre a laguna Noque, nas proximidades da capital Cotonu. Esta cidade tem aproximadamente 20 mil habitantes que vivem sobre palafitas e não possui ligações diretas com a terra. Por isso, todas as comunicações são feitas por canoa.

A laguna é pouco profunda, o que facilita a gravação das palafitas em seu leito. Esses postes ultrapassam o nível das águas, entre 3 e 4 metros. Barrotes horizontais estão amarrados às palafitas com cordas de fibras de palmeira, e sobre elas foi construída uma plataforma que serve de piso para as habitações. A altura da plataforma é ditada pela altura das enchentes, ficando em torno de 1,5 metro acima do nível normal da laguna. As palafitas servem para sustentar as paredes e o telhado de duas águas das casas. O piso das casas é feito de bambu que, rachado, também é empregado para confeccionar as paredes: os bambus fendidos são colocados na vertical e amarrados a ripas horizontais presas aos montantes. Em geral, as



Fig. 78: Aldeia Ganvié, na laguna Noque, Benim.

paredes são pintadas com cores primárias. A cobertura é feita de folhas de palmeira, também empregadas para fechar as empenas e para a confecção de esteiras, que são colocadas sobre as varas redondas de bambu que formam o piso. Eventualmente, essas esteiras podem ser utilizadas na confecção das paredes em lugar do bambu. Sobre a manta formada pelas folhas de palmeira das quais as nervuras servem de ripas, é fixada uma grossa camada de palha de grama, que serve para isolante térmico além da evidente proteção contra as chuvas. Nas casas há duas ou mais salas, que têm ligações com a plataforma exterior. Esta tem um revestimento de terra, e nela se passa a maior parte do dia com a realização do trabalho ou atividades sociais. Isso inclui o conserto das redes e a construção de armadilhas. É impossível deixar de lembrar numerosas casas sobre palafitas na costa brasileira, especialmente as dos Alagados da ponta do Itapagipe, em Salvador, na Bahia.

Os *bacubas* vivem nas margens do rio Sancuru, afluente do rio Kasai, que é o maior tributário do rio Zaire (ou Congo), no centro geográfico da República do Congo. As casas têm uma planta retangular, em geral de um só espaço com dois postes nas extremidades, nos quais é apoiada a cumeeira. A declividade do telhado de duas águas varia entre 30 e 45 graus. A armação das paredes tem a altura aproximada de 1,8 metro e recebe o fechamento de esteiras de folhas de palmeira trançadas. Nas casas nobres, essas esteiras são trançadas com fibras tingidas que reproduzem padrões geométricos, e as portas são valorizadas pelo entalhe nas ombreiras de símbolos figurativos e clânicos.

Os *balantas*²⁷ ocupam o litoral de Guiné-Bissau. As mulheres são boas ceramistas, e é do barro que fazem suas casas. Em planta, elas tendem ao quadrado, em torno de 7 x 7 metros. A cobertura é de quatro águas e recoberta de palha. A estrutura não se

27 Os dados sobre as habitações dos povos da Guiné, salvo indicação em contrário, foram baseados em BRITO, Raquel Soeiro de. *No trilho dos descobrimentos. Estudos geográficos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1997.

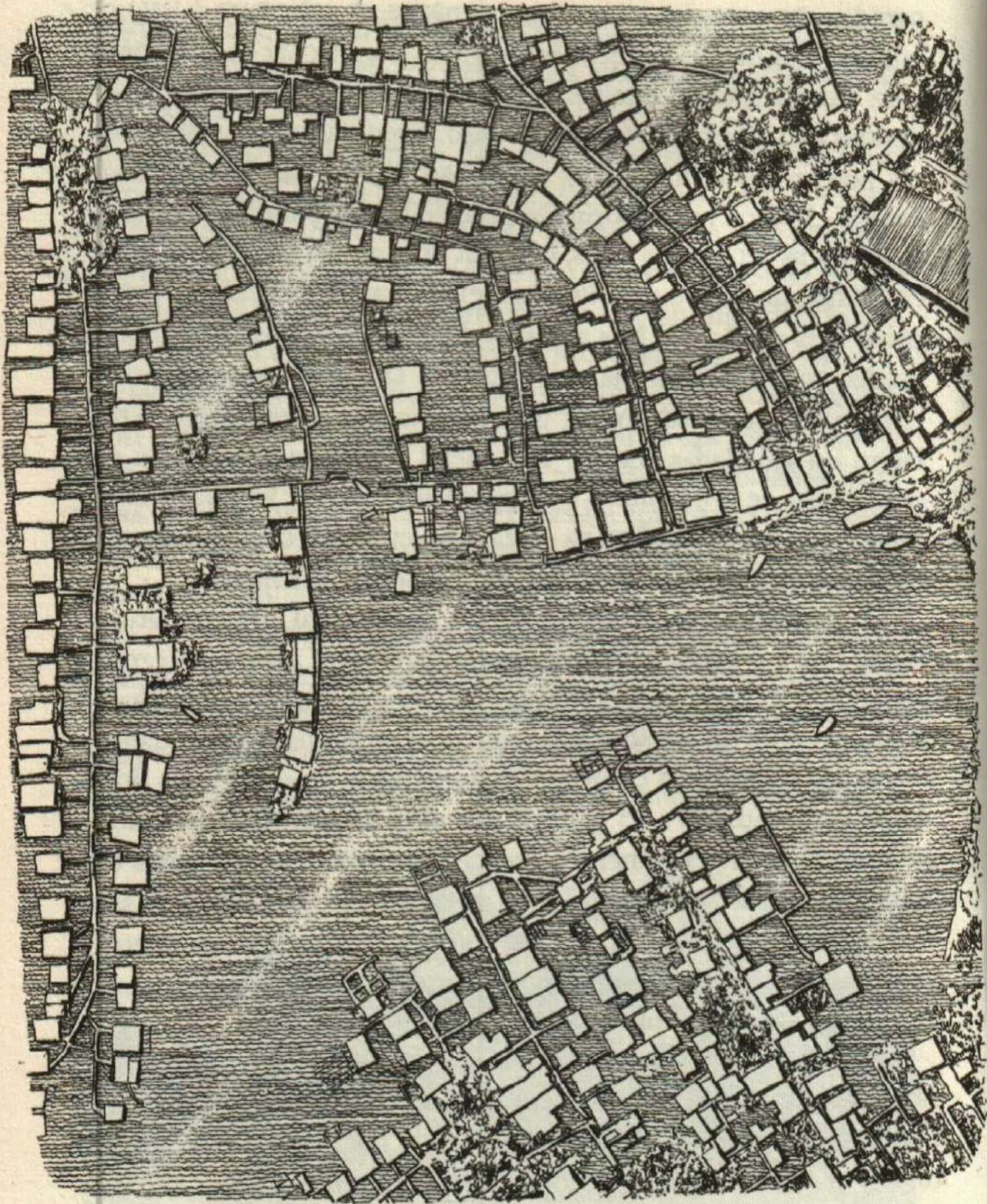


Fig. 79: Alagados de Itapagipe, Salvador, Bahia.

apóia diretamente sobre as paredes, deixando uma fresta contínua de cerca de 15 centímetros de altura, o que permite a ventilação cruzada da casa. Comparadas às dos demais grupos, essas casas são enormes e de planta muito complexa, tanto mais complicada quanto maior a família. Sob o mesmo teto são abrigados o marido, suas mulheres (cada qual com suas próprias dependências), seus filhos, o produto de suas colheitas e todo o gado. Este fica junto ao quarto do marido, que dorme com uma corda amarrada à porta do estábulo e ao dedo do pé, como forma de segurança para prevenir o roubo do gado que não lhe pertence. Seu próprio gado está sob a guarda de amigos ou parentes. Para esse povo, o roubo é sinal de virilidade e de enaltecimento. Por isso, todo o cuidado na preservação dos bens materiais é pouco. Cada mulher tem seu próprio quarto. O da primeira esposa tem uma porta de acesso à cozinha, que fica numa varanda fechada onde estão os potes de cerâmica em que são armazenados os cereais. Estes devem ser colocados dentro da casa antes da construção das paredes, pois não seria possível passar com eles pela porta devido ao tamanho (1,7 metro de diâmetro por 2 metros de altura). As portas são muito estreitas e se assemelham a janelas, devido a uma mureta de cerca de 40 centímetros de altura. Na frente e nos fundos, as casas têm uma varanda fechada; as duas são ligadas entre si por um corredor que dá acesso aos diversos quartos.

Os *edos* falam vários dialetos e ocupam uma área no sul da Nigéria, entre os *ebos* e os *iorubas*. A forma tradicional das construções consistia na existência de um corredor central que ia da frente ao fundo e ao longo do qual, em ambos os lados, havia uma série de pequenos quartos com uma área que variava entre 9 e 15 metros quadrados.

As paredes são de taipa-de-pilão socadas em caixas de 50 × 50 × 100 centímetros. A terra umedecida é misturada com azeite-de-dendê, esterco de vaca, pó de carvão e/ou caulim. A altura é de quatro fiadas, com juntas horizontais contínuas e verticais desencontradas. As aberturas são contornadas por uma armação de ma-

deira, onde as folhas de fechamento de madeira são encaixadas por cavilhas em aberturas no peitoril ou soleira e na verga²⁸. A cobertura é feita com uma estrutura triangular leve de madeira, que suporta uma camada de folhas de palmeira. As águas têm uma acentuada inclinação, que varia entre 45 e 60 graus. Beirados largos protegem as paredes da chuva e as aberturas superiores às paredes, que fornecem uma ventilação cruzada no interior da construção.

Os *eves* ocupam grande parte de Gana, o lado leste do rio Volta (Costa do Marfim) e o sul de Togo, para onde emigraram durante os séculos XVII e XVIII desde Ketu, no sul de Benim. Pelo fato de ocuparem uma área perpendicular à costa, que abrange três ambientes ecológicos diferentes, sua arquitetura permite fazer uma avaliação muito pertinente a respeito das influências ambientais sobre as formas construtivas²⁹.

Ao norte há uma curta estação de chuvas (de junho a setembro), e o resto do ano é muito seco, por influências do Saara que também faz oscilar muito a temperatura. O solo é seco e apresenta alguns bolsões, onde pode ser encontrada a argila que é fundamental na construção de suas casas. As casas são cilíndricas e apresentam uma soleira de cerca de 30 centímetros de altura. A armação de madeira do telhado é apoiada na parede e coberta por palha.

Na faixa central, tanto de Gana como da Costa do Marfim, a estação das chuvas dura de cinco a seis meses, e as influências do Saara são bem menos sensíveis, especialmente no que se refere aos ventos. A umidade maior permite um desenvolvimento florestal mais exuberante, e a presença de corticeiras é bem-vinda para a construção: fornecem tábuas utilizadas na construção de taipais para paredes apiloadas com uma espessura de cerca de 45 centímetros. Estas são sempre construídas sobre fundações de pedras com

28 Essa forma de porta e janela é bastante comum na África, onde é conhecida pela designação de *harr door* ou *harr window*, encontrando secular emprego nos engenhos de açúcar sulinos e nas construções bandeiristas.

29 BARDOU, Patrick e ARZOUMANIAN, Varoujan. *Arquitecturas de adobe*, Barcelona, Gili, 1979, pp. 33-50.

alguma altura, como forma de proteção contra a infiltração de umidade. A técnica exige paredes retas, em razão do que as plantas são quadradas ou retangulares. A estrutura do telhado é externa e se apóia sobre pilares de madeira completamente independentes das paredes, a fim de proporcionar uma abertura em toda a periferia da casa, o que permite uma ventilação cruzada. A cobertura de palha de grama pode dar lugar à de folhas de palmeira. A abundância das chuvas exige que os beirados ultrapassem as paredes em, pelo menos, 20 centímetros para proteger as paredes da erosão. Nas empenas, onde a altura das paredes é maior, a largura das abas deve ser maior, ou então cada frontão é coberto por uma tacaniça muito íngreme. Quase como regra, o beiral que dá para a rua é prolongado para dar lugar a uma varanda. Para a construção dessas casas é imprescindível a existência de argila. Como esta não é freqüente, muitas vezes a localização de uma aldeia é escolhida em função da existência de um bolsão com esse material.

A faixa litorânea, com uma largura entre 200 e 300 quilômetros, apresenta duas estações de chuvas entremeadas por estações mais secas. As variações térmicas são atenuadas pela proximidade do oceano, e a umidade está permanentemente próxima à saturação, o que faz com que a insolação seja fraca em virtude da constância das brumas. Essas condições ambientais são muito favoráveis ao desenvolvimento florestal. Isso dificulta a realização de uma agricultura extensiva, mas favorece a cultura do café e, principalmente, do cacau. Segundo Bardou (1979, pp. 48-50), os homens trabalham no campo enquanto as mulheres ficam na aldeia: essa seria a razão pela qual adotaram o sistema da taipa-de-sopapo: uma construção leve que poderia ser realizada pelas mulheres e por elas reparada, o que se torna necessário com certa freqüência em virtude da alta umidade e das constantes chuvas. A leveza dessas construções faz com que tenham pouca durabilidade (entre dois e sete anos). Por isso não se empregam materiais pesados: embora existam madeiras pesadas e duradouras, prefere-se fazer a es-

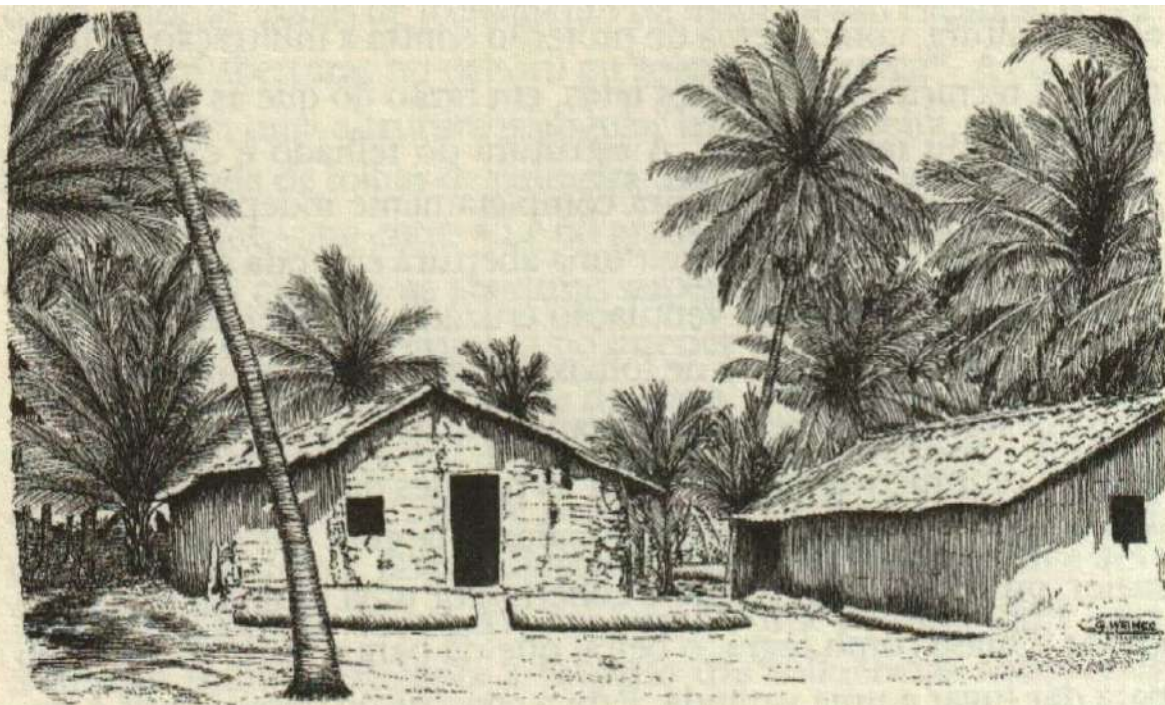


Fig. 80: Casa de taipa, Prainha, Ceará.

trutura com bambus e arbustos resinosos, por oferecerem maior resistência aos cupins. As coberturas de duas águas são feitas de folhas de palmeiras ou de algumas cascas de árvores. Os beirados, de cerca de 30 centímetros de saliência, descarregam a água da chuva além dos limites de uma plataforma de terra apiloada da altura de um degrau, que marca a projeção da construção e tem a finalidade de evitar a infiltração da água. Também aqui se prefere criar uma varanda diante da casa pelo prolongamento do telhado, todavia não pelo lado do beirado, como acontece na faixa central, mas pelo lado da empena, com o prolongamento das duas águas.

A faixa litorânea possui bom número de lagos, e a construção da barragem de Acosombo represou o rio Volta, formando uma imensa represa que corta mais da metade do país. Em suas margens e na dos lagos, desenvolveu-se uma quarta forma de arquitetura, caracterizada pelas aldeias em forma de palafitas construídas sobre seus leitos. Essa escolha foi uma decisão deliberada, que nada tem a ver com escassez de terras. As palafitas são gravadas nos leitos dos lagos e a uma altura de 1 a 2 metros é construída

técnicas construtivas. No norte, o uso do pau-a-pique torna possível o emprego de estruturas mais avantajadas com fechamento de taipa, sustentando coberturas leves e bem arejadas. O capim, trabalhado engenhosamente, permite a consolidação de uma cobertura de esteiras com padrões em ziguezague para fins decorativos. A taipa-de-sopapo é mais comum nas construções cilíndricas.

Os *ijós* ocupam a costa meridional da Nigéria. A região se caracteriza por apresentar praias arenosas entremeadas por manguezais. O mar apresenta diques naturais, e a orla é formada por muitas lagoas naturais. As casas características são de pau-a-pique vedado com taipa-de-sopapo. A planta retangular da casa é dividida em três espaços: a sala das mulheres (*calabio*), a sala geral (*bioquiri*), onde está o relicário (*vari-cu*), e a cozinha (*tamuno*), ou em dois espaços quando as duas primeiras são fundidas numa só. Quando são construídas em terra firme, é empregada a técnica do pau-a-pique. Uma aldeia típica tem uma rua central em cujos lados são distribuídas as casas segundo critérios clânicos. Em seu centro está localizado o santuário ancestral, que sobressai no espaço comunal. Atrás dele está localizada a casa de piso duplo do chefe da aldeia. Esse modelo apresenta poucas variantes regionais, porém a construída sobre palafitas nas regiões lacustres litorâneas se destaca pela necessidade de fazer adaptações técnicas. Toda a aldeia é construída sobre uma plataforma que respeita o sistema de rua central, com a mesma localização do santuário e da casa do chefe. Porém a estrutura da casa é feita com madeira, e as paredes são feitas de junco atado a sarrafos horizontais fixadas aos montantes estruturais extremos, que sustentam a cobertura de palha feita com folhas de palmeira.

Os *iorubas* formam um povo de mais de quinze milhões de pessoas que ocupam o sudoeste da Nigéria e partes de Togo e Benim. Têm uma estrutura social patrilinear e são organizados em linhagens que influenciam sua forma de morar. Um modelo de residência típica consiste na convivência de um segmento de linhagem constituído pelo patriarca, suas mulheres, seus filhos com respecti-

vas mulheres e netos. Pela extensão da área ocupada e pela longevidade histórica do povo, conservam diversas tradições arquitetônicas. A mais comum é a associação de prédios retangulares, cada qual constituído por três compartimentos seqüenciados de 3 x 3 metros; o primeiro é a sala, o segundo, o dormitório, e o terceiro, a cozinha. Essa forma deu origem à forma urbana mais comum, que consta de uma fila dupla de quartos lineares que abrem para um corredor central. Este pode assumir a forma de um pátio e, nos últimos tempos, de um vestíbulo, que serve para abrigar as atividades sociais. Nesse caso, ele pode conduzir a um pátio traseiro, no qual se encontra a cozinha, o banheiro, a latrina de fossa negra e depósitos. Em geral, essas casas contêm entre seis e dez quartos. Por vezes, essas residências podem ter dois pisos, quando são denominadas "casas brasileiras". Um tipo ainda mais recente é aquele em que os quartos se abrem para um pátio cercado por um corredor ou varanda na qual são realizadas as tarefas de rotina. Esse pátio pode conter uma cisterna para o abastecimento doméstico de água. O tamanho dessas casas varia conforme o tamanho da parentela, entre 150 e 500 metros quadrados; o pátio pode ocupar mais da metade dessa área. A associação de pátios com os respectivos prédios pode levar a moradias que abrigam várias centenas de moradores, formando um intrincado sistema de passagens, salas, quartos (com ou sem janelas) em torno de grandes pátios ou pequenos vestibulos. Esse é o aspecto dos bairros mais antigos e congestionados. A técnica construtiva é do piso apilado, com paredes de taipa-de-pilão ou de adobe moldados e secados no canteiro.

De tudo isso se deduz que as influências das diversas culturas africanas na arquitetura brasileira foram muito diversificadas, em virtude do seu alto grau de diferenciação. As que apresentavam uma arquitetura mais complexa deixaram raízes mais profundas. Isso, no entanto, não significa que, sob determinadas condições, até mesmo as mais simples tivessem deixado suas influências como no caso dos *ganguelas* do sul árido de Angola, cujas soluções estão muito vivas no

agreste nordestino. Numa tentativa de síntese poderíamos dizer que as influências mais marcantes são polarizadas pela arquitetura dos *quimbundos*, em virtude da quantidade de seus imigrantes e da continuidade da imigração proveniente do Golfo da Guiné – com destaque da cultura *eve* –, por sua maior desenvoltura e praticidade, apesar de relativa quantidade menor de imigrantes e do mais curto período em que ela se processou, partindo do pressuposto de que os dados disponíveis quanto ao tráfego estejam corretos.

Vale aqui assinalar que um estudo a ser feito refere-se aos tipos de aldeamentos africanos. Sua diversidade é muito grande, pela diversidade dos ecossistemas e pela diversidade cultural. Como interesse para as conurbações urbanas brasileiras, cumpre destacar as *sanzalas*, que se constituem em aldeamentos lineares com casas geminadas e divisões regidas pelos clãs constituintes da população (fig. 5) e os *kilombos* (ou quilombos, fig. 82), que são aldeamentos de conformação livre – e nada têm a ver com conformações caóticas, como alguns autores apressados os têm classificado –, visto que obedecem a rígidas associações clânicas ou familiares.

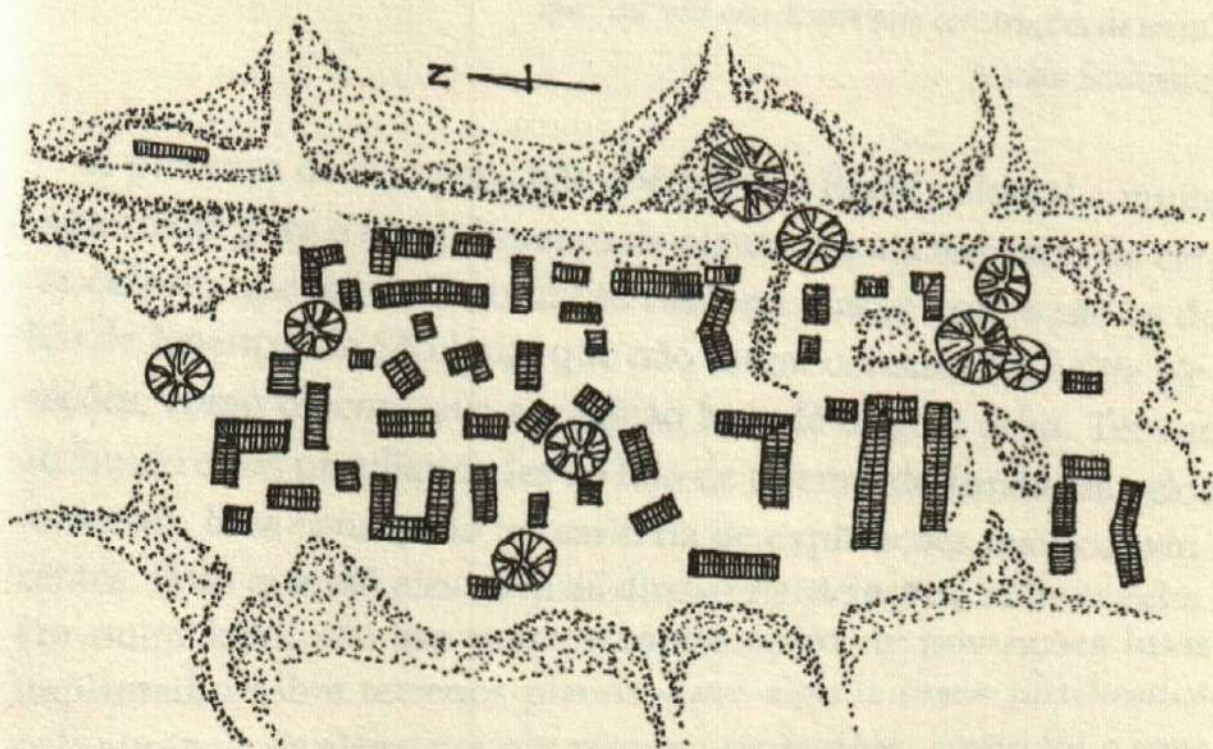


Fig. 82: Um quilombo sudanês.